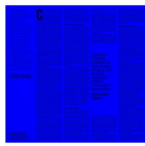




Carmina Burana

Um estrondo no Vale do Silêncio



O Parque do Vale do Silêncio, no bairro dos Olivais, em Lisboa, será palco de *Carmina Burana*, de Carl Orff. Uma obra monumental, com dois coros, três solistas e uma grande orquestra que promete quebrar o silêncio no vale com esse nome. Sabemos porquê, como e qual o nível de decibéis.

Pedro Boléo

Carmina Burana é uma das mais famosas obras clássicas de sempre. É quase impossível não ter ouvido pelo menos o seu número de abertura e fecho, *O fortuna*, por ter sido tantas vezes utilizado na publicidade, no cinema, na televisão, na rádio, na rede. Mas este *Carmina Burana* quer ser especial e não só “mais uma vez”. Numa iniciativa conjunta da Fundação Gulbenkian e do Festival Lisboa na Rua, o concerto deste sábado, às 21h30, realiza-se no Parque do Vale do Silêncio, nos Olivais, em Lisboa. Para além da enormidade da obra de Orff, uma grande, longa, forte e excessiva cantata cénica, é a localização que torna particularmente singular este concerto.

O Festival Lisboa na Rua propõe, de há nove anos para cá, uma série de actividades artísticas em parques e jardins de Lisboa durante um mês. Neste Setembro, entre muitas outras actividades, incluindo dança, cinema, circo, instalações, oficinas e muita música de vários géneros, haverá um concerto “em grande” no bairro dos Olivais.

Joana Gomes Cardoso, presidente da EGEAC, explicou ao Ípsilon a ideia destes *Carmina Burana*: “Convidámos a Orquestra Gulbenkian para tocar num lugar que não faz parte dos locais ‘controlados’ e habituais, como seria a Praça do Município ou o Terreiro do Paço, por exemplo. É uma proposta mais arriscada, e corresponde a uma nova forma de estar na cidade.”

A presidente da empresa municipal gestora da cultura na cidade de Lisboa considera que “toda a cidade é nobre” e não apenas o seu centro tradicional. “Muitas vezes há equívocos e preconceitos, como achar que uma zona é perigosa.” A ideia foi, portanto, fazer uma proposta menos óbvia, fora das zonas habituais. “Nesse sentido, é quebrar o silêncio, com um projecto de grande dimensão e um grande palco montado. São centenas de músicos e cantores, cerca de 200 músicos em palco”, diz.

Para Joana Gomes Cardoso, trata-se de “dar a conhecer a cidade e trazer uma proposta de qualidade a um público que muitas vezes não tem acesso a esse tipo de concertos.” E, ao mesmo tempo, “criar novos hábitos de deslocação e hábitos culturais, com projectos diferenciadores, de qualidade”. Para a Orquestra Gulbenkian, “é também sair da zona de conforto em que habitualmente se movimenta”, diz

Joana Cardoso. O convite à Gulbenkian foi bem recebido, e foi a fundação que propôs fazer a cantata *Carmina Burana*, uma obra “facilmente impactante, que não deixa ninguém indiferente”, nas palavras da presidente da EGEAC.

Um enorme desafio

O maestro José Eduardo Gomes, que irá este sábado à noite dirigir a peça no Vale do Silêncio, considera-a “uma obra emblemática”. O jovem maestro já dirigiu a obra e também já participou uma vez como cantor, no coro. Conhece a obra por dentro e por fora, mas é a primeira vez que dirige a obra ao ar livre, num ambiente destes. “O convite da Fundação Gulbenkian foi especial por todas as razões e mais alguma”, diz José Eduardo Gomes. E explica porquê: “É uma obra grandiosa, vai ser feita no exterior, e prevê-se que esteja muita gente. Vamos tocar para uma massa de gente. Ao mesmo tempo é levar a música fora de portas, a públicos que não são frequentadores da Gulbenkian.”

O maestro diz-nos quais os grandes desafios da obra, no seu entender: “É uma orquestra com um efectivo grande, com cerca de 80 elementos, e um grande coro e é necessário juntar as massas sonoras orquestral e vocal, porque se trata de uma obra coral-sinfónica. É preciso controlar isso tudo.” Para o jovem maestro, para além das dificuldades rítmicas que a obra contém, o mais difícil é captar o carácter de cada quadro: “São 24 números (mais *O fortuna*, que repete no final) e cada quadro tem as suas dificuldades. Há cenas de taberna e outras de amor. A dificuldade é transmitir tudo isso ao público. É preciso sobretudo conseguir o balanço certo, gerir o equilíbrio sonoro para ouvir todas as vozes.”

Carmina quê?

Carmina Burana, que significa “canções da região alemã de Benedikt-beuern”, é, na verdade, uma colecção de manuscritos, dos séculos XI, XII, XIII, que tem como subtítulo “canções profanas para cantores e coros para serem cantadas com instrumentos e imagens mágicas”. Inclui 254 poemas, canções e peças dramáticas medievais, eróticas e satíricas, escritos em latim, alemão antigo e francês, nalguns casos misturando as várias línguas.

Carl Orff inspirou-se em 24 poemas desta colecção para escrever os seus *Carmina Burana* em 1935-

36, uma obra que estreou em Frankfurt em 1937.

Carmina Burana é a primeira parte de um tríptico musical, intitulado *Trionfi*, que inclui ainda *Catulli Carmina* (Canções de Catulo) e *Trionfo di Afrodite* (Triunfo de Afrodite). Orff concebeu-a como uma ambiciosa cantata cénica que correspondia à sua ideia de criar um “Theatrum Mundi”, em que música, palavra e movimento seriam inseparáveis.

O maestro José Eduardo Gomes, 34 anos, não parece assustado por fazer esta *Carmina Burana* ao ar livre, em condições acústicas menos fáceis de controlar do que num au-

“Convidámos a Orquestra Gulbenkian para tocar num lugar que não faz parte dos locais ‘controlados’ e habituais. É uma proposta mais arriscada.”

Joana Gomes Cardoso

ditório. E prefere ver as felizes coincidências: “É uma feliz coincidência fazê-lo no Vale do Silêncio, quando a obra tem canções internas que são líricas, como se fossem serenatas ao amor e à natureza. E vamos estar no verde, no meio de um parque, da natureza. Será muito interessante, não só para o público, mas para quem toca também.”

Mas, insistimos, não será complicado fazê-lo ao ar livre? “Não é diferente musicalmente”, diz José Edu-

ardo Gomes. “Claro que há a questão de passar para o ar livre, pois vamos ensaiar antes numa acústica confortável na Fundação Gulbenkian. Vamos fazer o nosso papel e teremos lá um ensaio de som e colocação, que é o normal. Claro que teremos de nos habituar”, diz.

Popular e erudita

O maestro acredita que há um lado pedagógico nesta obra com tantos elementos musicais diferentes: “É uma obra popular e erudita ao mesmo tempo, com uma escrita muito apelativa. Uma obra erudita das mais populares. E muito completa, com orquestra, coro, coro infantil e solistas. É muito enriquecedora para o público conhecer este repertório. Julgo que pode atrair as pessoas e desmistificar ideias de que a música clássica é para uma elite ou que é aborrecida. Nesse sentido, creio que é uma iniciativa de muito valor, oferecer aos lisboetas, neste caso, vários tipos de música e enriquecer o gosto.”

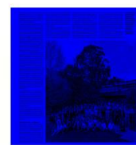
José Eduardo Gomes está contente também por trabalhar com solistas que considera excelentes: “Já trabalhei com o Carlos Cardoso, que é um jovem mas já com uma carreira assinalável. Todos são cantores de belíssimo nível.” O jovem maestro premiado tem tido grande actividade nos últimos anos, com inúmeros concertos. Mas este é de responsabilidade acrescida: “Claro que na nossa vida todos os concertos são importantes, mas este, pela quantidade de pessoas que envolve e pelos seus ingredientes, é especial. A responsabilidade de partilhar o palco com todos eles é grande. Para além de que é o início de uma temporada...”

Para além de Carlos Cardoso, tenor premiado em Portugal e internacionalmente, este concerto vai contar ainda com outras duas estrelas solistas: Carla Caramujo, soprano, e Benedict Nelson, barítono.

Carla Caramujo já cantou *Carmina Burana* cinco vezes, em diferentes versões: “Fiz versão com dois pianos e percussão, fiz com orquestra sinfónica e orquestra de sopros, fiz todas as combinações. A sensação atmosférica é diferente, porque os espaços são diferentes – e é diferente também num *concert hall* ou ao ar livre.” A soprano também já cantou a obra ao ar livre, no Funchal, com a Orquestra da Madeira, e por isso está bem preparada para a aventura da noite de sábado.

Para além das versões para diferentes formações orquestrais, há versões que usam diferentes for- ▶

É a localização no Vale do Silêncio, nos Olivais, que torna particularmente singular este concerto



Para além dos solistas e da Orquestra Gulbenkian, este *Carmina Burana* conta com o Coro Gulbenkian, aqui nos jardins da fundação em Lisboa

mas de articular o latim: “A dicção germânica, que é a que usaremos, nalgumas passagens serve melhor a obra, mas eu seria tentada a misturar as diferentes dicções do latim.”, explica Carla Caramujo.

Para a soprano, é sempre bom visitar *Carmina Burana*: “Conheço bem a obra e estou sempre a renascer para a obra, é sempre interessante.” A cantora acha importante a ideia de que a música possa, através de projectos destes, “abrir portas, abrir-se à cidade e procurar novos públicos.” E julga que *Carmina Burana* é a obra ideal para o fazer: “Serve bem este modelo, porque agrada a um espectro muito alargado de público. Estou muito motivada e creio que será um sucesso. É uma obra majestosa, muito imponente.”

A voz de soprano entra na terceira parte da obra, *Cour d'amours*, em pleno contraste com a secção anterior, que se intitula *In taberna*. Carla Caramujo destaca um momento fulcral da sua participação nesta obra: “Claro que há o *Dulcissime*, com uma linha que culmina no agudíssimo. Mas eu destacaria o *In trutina* (“em equilíbrio”), que é um momento de beleza incomparável, como se toda a acção parasse. No meio de uma obra tão densa, complexa, com um coro grandioso e uma grande orquestra, há este momento de filigrana. Gosto particularmente dos solos de soprano desta obra, extremamente femininos, com elementos que vêm da poética medieval e de rituais de iniciação.”

Carla Caramujo considera que este momento “é ao mesmo tempo lírico e muito sensual” e que requer uma cantora com determinadas capacidades técnicas e expressivas: “Requer um soprano *coloratura* e um soprano lírico. Creio que tenho o tipo de voz ideal para o soprano de *Carmina Burana*.”

Quanto ao ar livre, Caramujo não crê que haja grandes diferenças: “A responsabilidade é a mesma, depois cabe aos técnicos de som... Confio muito na equipa da Gulbenkian. E na projecção de voz e de texto é o mesmo.”

Questões de volume

O barítono Benedict Nelson é outra das estrelas da noite. Em Novembro de 2014, na Gulbenkian, integrou o projecto *Carmina Burana* com coro participativo, sob a direcção de Paul McCreesh, juntamente, aliás, com o tenor Carlos Cardoso. Reencontram-se agora *In taberna*, ali a meio da peça, numa zona bastante ébria de *Carmina Burana*.

Falámos ao telefone com Benedict Nelson, que parece entusiasmado com a ideia de regressar a Lisboa. Também ele conhece bem a obra de Carl Orff: “Já fiz quatro ou cinco vezes a obra, a última vez em Londres. É uma obra extremamente interessante.”

Para Benedict Nelson, a obra levanta problemas técnicos que não são fáceis de resolver: “É uma obra extensa, com uma orquestra ampla e estrondosa em termos de volume sonoro. A tessitura do barítono é

muito grande, vai até ao limite do agudo, indo até ao sol agudo no *Estuans interius*, por exemplo. Há partes em que é preciso ser rápido e ter grande volume sonoro.”

Nelson vê *Carmina Burana* como uma obra de extremos e um grande desafio técnico: “É uma obra que vai até ao extremo, requer muita energia, muito vigor. E depois tem efeitos vocais interessantes, como no *Omnia Sol temperat* (na primeira parte da obra), que obriga a algumas astúcias vocais complicadas.” Para o barítono

no, a obra, no seu conjunto, é muito curiosa: “É em latim, mas ao contrário da maior parte das peças em latim não é uma obra sagrada. Tem canções profanas. Isso cria uma certa estranheza. E, ao mesmo tempo, é uma obra dramática. Musicalmente é épica, muito visceral e quase paralizante. Tem um impressionante volume sonoro de vozes.”

Benedict Nelson não tem dúvidas de que vale a pena ouvir esta obra ao vivo: “É uma obra que afecta o ouvinte imediatamente, sobretudo





em algumas passagens em *fortissimo*. É muito forte ao vivo, não é como na televisão ou numa gravação.” O barítono vê também *Carmina Burana* como uma obra de contrastes: “Tem momentos líricos, contrastantes com a energia visceral de outras partes. Tem momentos de paz. É uma peça secular, com momentos de reflexão e filosóficos. Mas tem também momentos ébrios, de bebedeira. Outros de raiva, tudo numa grande escala, e depois momentos de alívio e de beleza lírica.”

Ligações perigosas

A estreia de *Carmina Burana* aconteceu em 1937, na Alemanha, em pleno regime nazi. Depois da estreia, a obra recebeu uma crítica negativa do musicólogo nazi Hans Gerigk, que disse que a obra sofria de um “equivoco regresso a elementos primitivos de instrumentação e um ênfase estrangeiro nas suas fórmulas rítmicas”. Criticaram-lhe também os sons “exóticos” e os temas demasiado “sexuais”.

Mas a proximidade de Carl Orff com altas figuras do regime, a sua colaboração permanente mas “discreta” com o nazismo e o sucesso estrondoso da obra junto do público não deixaram cair em desgraça o compositor e transformaram *Carmina Burana* num grande êxito ainda naqueles anos.

Na Alemanha do pós-guerra, punha-se o problema oposto, ter estado demasiado próximo do regime nazi, mas Orff conseguiu apesar de tudo distanciar-se das suas colaborações anteriores com o regime e manter-se um compositor activo e respeitado. Quanto à obra, manteve-se sempre no repertório e continuou a ser um *greatest hit*, como se nada fosse.

Conhecido sobretudo pela sua obra de pedagogia musical, Orff tinha a ideia de que a música estava intimamente ligada à dança e à palavra. *Carmina Burana* foi concebida com uma cantata cénica que deveria incluir dança, artes visuais e acção em cena. Hoje, contudo, ela é quase sempre apresentada apenas como uma cantata sem estes elementos cénicos.

Para além dos solistas e da Orquestra Gulbenkian, este *Carmina Burana* conta com o Coro Gulbenkian, que terá um papel muito importante ao longo de toda a obra. E participa ainda o Coro Infantil do Instituto Gregoriano de Lisboa. Vozes projectadas (e bem forte) no Vale do Silêncio, para um estrondo sonoro que promete abanar os Olivais.

“É uma obra que afecta o ouvinte imediatamente, sobretudo em algumas passagens em *fortissimo*. É muito forte ao vivo, não é como na televisão ou numa gravação.”

Benedict Nelson